

# Revista Iberoamericana de Turismo



## REFLEXÕES SOBRE MODERNIDADE, TURISMO E CAMPO SOCIAL NO ESTADO DE ALAGOAS - BRASIL

Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, Brasil. Professor da Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

E-mail: [daniel\\_tur@hotmail.com](mailto:daniel_tur@hotmail.com)

Edson José de Gouveia Bezerra

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Professor da Universidade Estadual de Alagoas, Brasil.

E-mail: [bezerra57@hotmail.com](mailto:bezerra57@hotmail.com)

### Resumo

O presente artigo, de caráter ensaístico, visa a contribuir com reflexões sobre modernidade, turismo e campo social sociais no Estado de Alagoas - Brasil. Utilizando o referencial de autores como Giddens (2001), Jameson (2002) e Harvey (1992), dentre outros, sintetizaremos algumas características das transições socioculturais da modernidade para o atual estágio do modo de produção capitalista, período que muitos têm considerado como a “pós-modernidade”. Posteriormente, empreenderemos breve descrição crítica acerca do atual modelo de turistificação no Estado, com base nos conceitos de *Habitus* e Campo Social, de Pierre Bourdieu. Conclui-se que o turismo em Alagoas está ancorado em roteiros que, em sua dominância, têm se consolidado sob os enunciados de Sol e Mar, tendência natural do turismo de massa que ocorre nas regiões intertropicais do mundo inteiro, em caso mais específico, no Nordeste Brasileiro, e que também sofre direta influência da formação histórica de uma cultura de alheamento às potencialidades dos patrimônios identitários locais.

**Palavras-chave:** Modernidade. Turismo. Campo Social. Alagoas–Brasil.

## 1 INTRODUÇÃO

Com uma incontestável capacidade de integrar elementos sociais e naturais, o turismo é uma atividade que, no século XX tornou-se importante variável na economia mundial. Particularmente, ao longo das três ou quatro últimas décadas, tal atividade vem sendo progressivamente reconhecida e utilizada por diversos países do mundo como um importante instrumento de desenvolvimento socioeconômico, capaz de equacionar desequilíbrios existentes em cidades, regiões e países.

Fenômeno recente e que vem desenvolvendo a sua estrutura de redes globais a partir da década de 1970 do século passado, o turismo de massa tem se revelado enquanto uma atividade a qual, em suas particularidades, tem que ser compreendida enquanto um

processo inserido nos parâmetros de expansão da modernidade tardia (ou mesmo da pós-modernidade).

Mediante o exposto, podemos falar não de uma, mas de modernidades enquanto processos situados a partir de conjunturas históricas, econômicas, geográficas e seus dispositivos. Enquanto processos situados é que identificamos nestes, dois tipos de modernidade – uma modernidade vazia e uma modernidade situada. No encaminhar das diferenças, enquanto a modernidade vazia é movida em dominância por uma relação com o local através de parâmetros cartesianos de uma relação meramente instrumental, os parâmetros de uma modernidade situada se instalam enquanto estratégias de desenvolvimento a partir de um desentranhamento das particularidades locais sufocadas pelas teias das relações instrumentais.

Filtrada através de uma percepção estruturada a partir do senso comum, no geral as atividades turísticas são percebidas enquanto atividades planejadas para a produção do ócio, exotismo e deslocamento. Contudo, a totalidade da atividade turística está longe de se esgotar nesses movimentos, uma vez que, em suas várias interfaces (econômicas, culturais, e sociais), o turismo é um fenômeno sobredeterminado, e, enquanto tal, portador de um grande potencial na produção de impactos socioculturais e na formação de identidades territoriais. Dentro dessa perspectiva é que se consolida um processo estudado por Knafou (2001), Banducci Jr e Barreto (2001), Cruz (2003), entre outros, denominado turistificação<sup>1</sup>.

Nesse sentido é que se torna imprescindível aos pesquisadores do turismo e de suas interfaces sócio-espaciais, observar, mensurar e criticar o somatório das suas práticas no que se refere aos seus impactos sobre as relações socioculturais nos lugares, no entendimento de que, sendo o mesmo impulsionado por uma dinâmica social global marcada pela cultura de consumo (Featherstone, 1995), os lugares turísticos têm se tornado mercadorias simbólicas, geradoras de capital cultural<sup>2</sup>, nas intrincadas teias de relações sociais atreladas aos fluxos e aos refluxos nos campos sociais, determinados pelo mercado globalizado.

Em se tratando das situações locais e regionais do Estado de Alagoas, não obstante existir nas geografias alagoanas as evidências para a possibilidade de articulação das evidências para a construção de uma ampla variedade de roteiros turísticos, nas mais variadas segmentações (turismo cultural, turismo religioso, turismo ecológico, etc.) o atual modelo de turistificação que se pratica no Estado se encontra ancorado nos movimentos de rotas, as quais, em sua dominância, têm se consolidado enquanto uma atividade que vem se solidificando sob os enunciados de Sol e Mar, que mesmo sendo uma tendência natural do turismo de massa nas regiões intertropicais e, especificamente, no Nordeste Brasileiro, no caso de Alagoas, a sua dominância tem se mostrado devastadora enquanto um turismo de massa sob o binômio de Sol e Mar que, em sua permanente expansão, tem se desenvolvido em detrimento de outras tipologias turísticas.

<sup>1</sup> Vasconcelos (2005, p.49) conceitua que o processo de turistificação implica “no (re)ordenamento ou na (re)adequação espacial em função do interesse turístico. É uma interação entre fixos (território, paisagens...) e fluxos (capital, pessoas, padrões e valores culturais), que influencia as diferentes esferas da organização socioespacial.”

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu (1989) desenvolveu esse conceito. Segundo Featherstone (1995, p.48), Esse autor apontou três formas de capital cultural: “corporificado” (estilo de apresentação, modo de falar, beleza pessoal, etc.); “objetificado” (bens culturais como pinturas, livros, máquinas, edifícios, etc.); “instucionalizado” (como as qualificações educacionais).

## 2 MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, RELAÇÕES SOCIAIS E TURISMO

A modernidade, segundo Giddens (2003, p.11), “[...] refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. A modernidade, para esse autor, tem natureza em conjunto de descontinuidades, cujo ritmo é veloz, a amplitude é global, multidimensional; onde o capitalismo como força transformadora da vida social acarretou um aumento na divisão de trabalho, a produção de mercadorias diversas para mercados cada vez mais globais, onde força de trabalho transformou-se em mercadoria e o sistema político Estado-nação em principal instituição moderna. O que acarreta essa dinamicidade da Modernidade seria a relação tempo e espaço, um desencaixe das relações sociais, ordenação e reordenação reflexiva de relações sociais.

Harvey (2002) faz uma análise em que o desrespeito ao próprio passado em função da transitoriedade das coisas, fez com que se perdesse sentido de continuidade histórica na modernidade, assim como, ele considerou a necessidade de destruir pra criar e da autodestruição em busca do eterno, imutável, deixar nossa marca no efêmero, caótico e fragmentário, como característica dessa modernidade. Em cada etapa histórica da modernidade, percebe-se que a essência racional iluminista deste homem moderno não preenchia os vazios existenciais, pelo contrário, se vê cada vez mais angústias e contradições diante da polarização entre abundância e escassez, cada vez mais abundância para poucos e a crescente pobreza para maioria, consequência das relações de classe capitalista. Há quem considere essas como características do que se pode, também, conceituar como pós-modernidade.

O conceito de “pós-modernidade” é polêmico, pouco compreendido e não é aceito de forma unânime. Existem diversas formas de interpretar o pós-modernismo, como existem diversas formas de interpretar a modernidade. Segundo Jameson (2002) esse momento seria marcado pelo pós-guerra, no início dos anos 1950, sucedida nos anos 1970 pelo neocolonialismo, a revolução verde e a informatização. Já Harvey (1992) sugere que, desde aproximadamente 1972, vêm ocorrendo grandes mudanças nas práticas político-econômico-culturais, as quais estão vinculadas a uma nova maneira de interpretarmos o tempo e o espaço na organização capitalista; é nesse contexto que o autor situa a condição da pós-modernidade.

Para Jameson a era pós-moderna inaugura um novo tipo de sociedade, mais conhecida como pós-industrial, também conhecida como sociedade de consumo, das mídias, da informação, eletrônica ou *high-tech*. Afirma-se que nesse momento o mundo tem sido tomado por “pseudo-eventos” e “espetáculos”, onde os indivíduos tendem a projetar em tudo uma mera imagem de si próprios. Para conceber um termo mais apropriado, Jameson (2002, p. 45) evoca a concepção platônica de simulacro, o seja, “[...] a cópia idêntica de algo cujo original jamais existiu”. Novos tipos de consumo; a obsolescência planejada, um ritmo cada vez mais rápido de mudanças na moda e no estilo, a penetração da propaganda, da televisão e dos meios de comunicação em geral num grau sem precedentes em toda a sociedade; a substituição da velha tensão entre a cidade e campo, centro e província, pelos subúrbios e pela padronização universal; o crescimento das grandes redes de autoestradas e o aparecimento da cultura do automóvel; esses são alguns dos traços que aparecem marcar uma ruptura radical com a velha sociedade do pré-guerra, na qual o modernismo canônico ainda era uma força clandestina.

Jameson (2002) problematiza tudo isso como uma lógica cultural do capitalismo tardio, apresentando em seu texto o processo em que a cada etapa, a modernidade se torna

cada vez mais conservadora em sua essência moderna, que essa oposição passa ser uma estratégia de reafirmação dessa essência moderna já que a crise desta leva a contestações, mas não a mudanças estruturalmente essenciais.

Para Giddens (2003), na sociedade pré-moderna, a reflexividade<sup>3</sup> das relações sociais era subordinada à tradição, com o advento dos tempos modernos essa reflexividade tornou-se base para reprodução do sistema, ou seja, o pensamento e a ação refratados entre si, trazendo autonomia e oportunidades de escolha ao sujeito no seu modo de vida; livre das tradições no processo de escolha ao passo que convive com essas tradições. A tradição seria um obstáculo para o desenvolvimento do eu, a escolha reflete a natureza do eu. Giddens denomina “sociedade do diálogo” como o caminho para democratizar a esfera pública social. Afirma também que a reflexividade do sujeito traria uma identidade preservada e a busca de relacionamentos mais solidários e “puros” na esfera privada e conseqüentemente na esfera pública; essa reflexibilidade também traria as incertezas manufaturadas – ações humanas que interferem no meio que vivem.

Concordamos com a afirmação de Urry (2001) de que as relações sociais contemporâneas geradas pelo turismo têm uma característica social paradigmática marcada pelo consumo reflexivo dos lugares, onde as individualidades que se relacionam não se vêm como pessoas, mas como processo de consumo/troca. É importante lembrar as palavras de Giddens (2003) de que a reflexividade pressupõe uma racionalização; nesse sentido, identificamos uma racionalização reflexiva mercadológica. Apoiando-se em Foucault, Urry (2001, p.208) constata que cada vez mais a sociedade contemporânea têm sua base na democratização dos olhares dos turistas e da espetacularização dos lugares.

Traçando um paralelo entre Urry (2001) e Giddens (2003), percebemos que o desencaixe do tempo e espaço da modernidade, mudou a relação de reflexividade na sociedade; trouxe para as relações sociais geradas pela atividade turística num contexto “pós-moderno”, onde impera a cultura de consumo, uma hiper-realidade, onde ver e ser visto faz parte do comportamento social do turista. Nessa mesma sociedade de consumo, o acesso ao lazer e às férias foi “distribuído” de maneira desigual, refletindo a própria dinâmica do modo capitalista de produção.

### 3 DELINEANDO UM CAMPO SOCIAL<sup>4</sup> NA MODERNIZAÇÃO TURÍSTICA EM ALAGOAS

Em particular, a instalação dos processos de modernidade e modernização (no sentido econômico-cultural) em Alagoas pode ser esclarecida se atentarmos, tanto para a permanência dos traços de um *habitus*<sup>5</sup> de origem das elites alagoanas, bem como ainda, para o tipo de relação que as mesmas mantêm para com o local, e, particularmente, à relação das mesmas no que se refere aos os patrimônios das culturas populares alagoanas.

<sup>3</sup> A reflexividade pode ser entendida como uma característica de toda ação humana, é através desse contato com outro no fazer cotidiano que esse conceito ocorre na vida prática. Giddens (2003) afirma que a continuidade das práticas sociais presume reflexividade, que consiste em uma “monitoração contínua da ação que os seres humanos exibem, esperando o mesmo dos outros”.

<sup>4</sup> Para concatenar, em termos metodológicos, a realidade de uma modernização turística alagoana, recorreremos a uma construção com suporte da teoria do campo social. Para Bourdieu (1989), os campos são territórios estruturados de postos, nos quais as propriedades dependem das posições de agentes sociais, nestes territórios, podendo essas ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes. Os campos se configuram, dentre muitos aspectos, pela definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos entre seus agentes. Tais objetos e interesses são percebidos por indivíduos com socialização e *habitus* relacionados a esse campo.

<sup>5</sup> Na teoria de Pierre Bourdieu, devemos entender a concepção do *habitus* como uma tentativa de explicar a maneira como o indivíduo orienta a sua ação social, produzindo relações sociais que tendem a reproduzir outras ações individuais. Contudo, a existência de *habitus* não se dá sem a correspondência no campo social.

Aprofundando as particularidades, se diante de um *habitus* de origem alagoano nos deparamos com uma elite historicamente identificada por um baixo nível cultural<sup>6</sup> de práticas de violência<sup>7</sup>, de exclusão<sup>8</sup> e, sincronicamente nos deparamos com a mesma elite, a qual, identificada a partir de parâmetros da construção de um olhar voltado para o local, pode ser enquadrada em três categorias-tipo<sup>9</sup>:

1) A de uma minoria de elevado padrão cultural e historicamente alheia ao consumo e visibilidade no que se refere às culturas populares.

2) A de uma minoria de elevado padrão cultural, consumo dos produtos tradicionalmente canonizados nos critérios de elevado padrão cultural (bons filmes, teatros, cinema, ballet, etc.) e com uma percepção saturada no tocante às culturas populares<sup>10</sup>.

3) Finalmente, a de uma esmagadora maioria extremamente rica e poderosa, que tem como uma de suas características dominante, um baixo nível de consumo cultural.

A partir desta primeira clivagem, se atentarmos para as escolhas culturais, através das quais as elites alagoanas escolheram como símbolos de *status*, as evidências sinalizam que as suas escolhas têm sido direcionadas para a posse de três tipos de bens: a posse da terra, a exibição de bens suntuários<sup>11</sup> e, finalmente, para a posse do poder político<sup>12</sup>. No geral, historicamente tem sido esta espécie de “santíssima trindade” que tem articulado as práticas políticas e os sujeitos nos processos da instalação de uma modernidade alagoana. Todavia, esmiuçando o empírico, as evidências indicam que os processos de modernidade e modernização os quais, ao longo do tempo vêm sendo implantados, têm sido processos protagonizados e articulados pela primeira e terceira categorias.

É justamente a partir do domínio destas minorias que deve ser contextualizada a problemática do turismo alagoano (um campo social específico) e suas perspectivas, tanto de expansão, bem como ainda diante das possibilidades do desenvolvimento de alternativas, uma vez que, têm sido àquelas duas categorias (uma minoria de elevado padrão cultural e historicamente alheia ao consumo e visibilidade no que se refere às culturas populares e uma esmagadora maioria extremamente rica e poderosa, como um baixo nível de consumo cultural) que têm sido responsáveis pela consolidação do atual modelo de turistificação em Alagoas.

A década de 1970 marca os primórdios da expansão turística com a melhoria de sua infraestrutura básica e de equipamentos turísticos em Alagoas (VERAS FILHO, 1991). Entre 1980 e 1990 o estado chegou a ser um dos primeiros destinos turísticos do Nordeste

<sup>6</sup> Uma vez que por aqui não herdamos, nem a presença do colonizador português culto, como foi o caso de Pernambuco e Bahia, nem da presença holandesa, como foi especificamente o caso de Pernambuco.

<sup>7</sup> Enquanto um dos marcos da formação cultural das elites alagoanas está a *matança genocida dos Caetés* e da destruição da *República de Palmares*.

<sup>8</sup> Mecanismo o qual, vai se expandir e se consolidar após a expulsão dos holandeses e da destruição da República dos Palmares, com o desenvolvimento da economia da cana-de-açúcar.

<sup>9</sup> Tipologia que, por sua vez, ilustra as propriedades comuns aos campos sociais teorizados por Pierre Bourdieu (1989): relações de poder entre os agentes ou as instituições engajadas no campo; relações em busca do monopólio da violência legítima; diferentes posses do capital simbólico; determinados interesses comuns entre os agentes.

<sup>10</sup> Um segmento à parte dentro desta categoria são os *folcloristas*. No articulado das classes dominantes, eles constituem uma exceção. Filhos ou intelectuais atrelados à aristocracia agrária alagoana, eles formam uma camada a parte. Em geral, eles fogem aos hábitos das elites dominantes. Muito embora politicamente conservadores, o papel dos *folcloristas* deve ser contextualizado em sua ambigüidade enquanto grupo envolvido num duplo papel: sujeitos oriundos das classes dominantes e portadores de uma visão senhorial da *cultura popular* – do popular preservado das transformações e também de preservadores e mantenedores das culturas populares, e, enquanto tais, *enraizados*, mas apáticos a posicionamentos políticos no que se refere ao somatório das exclusões. É nesse contexto que devem ser pensadas as obras e a trajetórias de intelectuais como Theo Brandão, José Aloísio Vilela, José Maria de Melo, etc., e também ainda os estudiosos da cultura negra – Abelardo Duarte, Artur Ramos, Manoel Diegues Jr. etc.

<sup>11</sup> No particular da exibição de bens suntuários – automóvel, casas de praia, condomínios de luxo, etc.

<sup>12</sup> Neste caso, basta atentarmos para a permanência histórica da luta pelo poder dos grupos políticos no que se refere à conquista de cargos, tanto no executivo, bem como ainda no legislativo através da intrincada rede de crimes de morte e de toda a teia de corrupção que tem sido desbaratada pela Polícia Federal na última década.

brasileiro, contudo, nas décadas seguintes (1990-2000), conforme dados da Comissão de Turismo Integrada do Nordeste (CTI-NE), passou a ocupar as últimas classificações na preferência dos turistas que visitaram o Nordeste Brasileiro (MARTINS, 2009). Atualmente, tal quadro apresenta melhorias, e Alagoas, diante de sua inegável riqueza natural e cultural, vem sendo considerado um dos destinos mais procurados da região, e seu potencial de crescimento no setor vem sendo cada vez mais reconhecido pelo mercado turístico regional e nacional.

A despeito das oscilações em torno do desenvolvimento do turismo em Alagoas, na atualidade o turismo contribui de forma significativa para a composição do PIB do estado, sendo considerada hoje a segunda maior atividade econômica, perdendo apenas para a indústria sucro-alcooleira. Por isso, historicamente os governos estaduais e municipais mencionam, com frequência, que o turismo é uma alternativa de desenvolvimento, tanto em nível regional como local.

Contudo, a emergência do turismo alagoano fica por conta de que, ao contrário do fomento das práticas alternativas ocorridas em outros estados<sup>13</sup>; em Alagoas, o turismo não tem se desenvolvido através da mediação dos patrimônios e das manifestações culturais situadas, sendo este um dos impasses dessa atividade em Alagoas<sup>14</sup>. Tal problemática deve ser aprofundada a partir de dois movimentos: o primeiro se refere às possibilidades de ser o turismo uma das possibilidades de desenvolvimento do Estado<sup>15</sup>, e o segundo, atrelado ao primeiro, diz respeito às negativas consequências no que se refere a total dominância do atual modelo turístico e de seus impactos no que se refere ao desenvolvimento local.

No que se refere ao primeiro movimento – as possibilidades de desenvolvimento – este decorre de ser o turismo apontado como uma das atividades mais emergentes em nível mundial. Segundo Cruz (2000), o crescente desenvolvimento econômico do turismo é ao mesmo tempo causa e consequência de sua dinâmica socioespacial. Conforme a autora:

Os “números de turismo” indicam que a atividade suplantou a indústria bélica, nos últimos anos do século XX, em volume de capital transacionado, e que está muito próxima de atingir valores iguais ou superiores àqueles gerados pela indústria petrolífera, primeira no ranking mundial. Estatísticas oficiais mostram, ainda, que a atividade turística apresenta números expressivos, também, no que se refere a deslocamentos de fluxos, à mão-de-obra empregada, à geração de renda, etc. (CRUZ, 2000, p. 8).

Já no que se refere ao segundo movimento, trata-se do impacto e das expectativas sobre a possibilidade da construção e consolidação de um espaço turistificado atrelado a referenciais identitários alagoanos, quando se compreende ser, esse espaço, uma construção, pois conforme explica Rodrigues (2001) “o espaço turístico resulta, [...] de captação do imaginário coletivo na tentativa de resposta. Por outro lado, o espaço criado é reforçado pela mídia, a qual produz e reproduz as práticas em espaços geográficos esquadrihados e determinados por critérios meramente instrumentais”. No fundo, no

<sup>13</sup> Sem maiores detalhes, basta pensarmos na persistência do *turismo cultural e histórico* em outros estados nordestinos, sendo Pernambuco e Bahia exemplos. Nesses estados, diante da existência de um turismo de massa voltado para o binômio *Sol e Mar*, também se desenvolvem as práticas do turismo histórico e cultural.

<sup>14</sup> E aqui se torna perfeitamente legítima a pergunta: impasse para quem? A partir de onde está havendo um impasse? Quais forças ou a partir de onde está havendo esta visibilidade, uma vez que o turismo que se desenvolve em Alagoas, continua inserido no mesmo modelo de concentração de capital das elites alagoanas?

<sup>15</sup> Há visto ser atualmente, o turismo, a segunda maior atividade econômica do Estado.

esmiuçar destas práticas, nos deparamos com a identificação de Foucault (1985), de que toda geografia é política.

Sendo Alagoas um Estado portador de rica e diversificada formação geográfica (extensa área litorânea, zona da mata, planaltos, lagoas, mangues, rios, agreste e sertão) por dentro a qual se espalha um rico acervo histórico e cultural, a problemática que se coloca, em si mesma reveladora de uma das variáveis de nosso colonialismo cultural, é justamente sobre o tipo de exploração turística que atualmente se desenvolve de forma predominante nesse Estado: o turismo massificado, em detrimento de outras possibilidades (turismo cultural, turismo ecológico, turismo rural, turismo de negócios, turismo comunitário<sup>16</sup>, etc.) uma vez que aquele, além das particularidades inerentes ao seu modelo (poluição, desprezo pelo patrimônio, alheamento para com as características locais, etc.), tem se caracterizado pela maciça predominância do Sol e Mar. Tem sido esse o principal índice nas pesquisas sobre os estímulos da procura dos pacotes turísticos com destino para Alagoas, visto que, as estatísticas da Secretaria Estadual de Turismo indicam que mais de 90% dos turistas que visitam o Estado são atraídos para o litoral.

Esses dados são reveladores e devem ser comparados, diante das possibilidades do desenvolvimento de alternativas de roteiros turísticos, os quais, devido às suas particularidades de inclusão social, teriam capacidade de favorecer a inserção no mercado de amplas parcelas da população de baixa renda, não apenas para as camadas pobres residentes nas imensas áreas lagunares, mas também da inserção, no circuito das trocas, camadas de baixa renda dos moradores residentes nas dezenas de cidades históricas atualmente postas totalmente às margens diante do atual e dominante modelo de turistificação.

Na prática, a questão passa necessariamente pela construção de políticas públicas<sup>17</sup> voltadas para o setor, na compreensão do que poderia ser um desenvolvimento turístico a partir da construção de uma identidade cultural associada às particularidades de desenvolvimento no Estado, uma vez que, sendo Alagoas um estado maciçamente composto por culturas mestiças e geografias culturais híbridas, que se dividem e se espalham lado a lado ao longo do litoral e de seus interiores, até a presente data não existe, em nível governamental, um planejamento sólido voltado para a implantação de um turismo cultural para o desenvolvimento das áreas lagunares ou ainda alternativas para a diferencialidade dos municípios abundantes na construção de roteiros turísticos desenvolvidos a partir de suas referências históricas e culturais.

Neste sentido, além do lugar comum do turismo de massa, o que se verifica até o presente é a não existência de metas desenvolvidas a partir de um planejamento estratégico comprometido com o desenvolvimento de roteiros turísticos alternativos ao binômio de Sol e Mar. Na maioria das principais cidades históricas alagoanas - Marechal Deodoro, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco, Porto Calvo, Jequiá da Praia, etc. – o que se verifica é uma grande carência, tanto de infraestrutura quanto de equipamentos turísticos, bem como ainda de um cuidado dos gestores públicos destes municípios no que se refere à preservação, visibilidade, dizibilidade e conservação dos patrimônios culturais e naturais<sup>18</sup>, como também, a não capacitação dos mesmos no entendimento de seus espaços

<sup>16</sup> Esta última possibilidade emerge como novo paradigma de resistência, de um tipo de turismo situado, perante o Turismo massificado. Vide coletânea organizada por Bartholo; Sansolo e Bursztyn, e Divulgada pelo ministério do turismo.

<sup>17</sup> Para o turismo, política pública abrange tudo o que os governos decidem fazer, ou não, relacionados ao setor (Jenkins, 1993; Hall, 1994; Hall e Jenkins, 1995 apud Hall, 2001). Para ser considerada pública uma política deve, ao menos, passar por um processo de autorização ou ratificação em órgãos públicos (Hall e Jenkins, 1995 apud Hall, 2001).

<sup>18</sup> Lugar de referência raízes arcaicas alagoanas, a região das lagoas com seus municípios históricos – Marechal Deodoro (antiga Santa Maria Madalena da lagoa do sul) e Pilar, na lagoa Manguaba; Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco e Satuba,

geográficos no que se refere às possibilidades de um desenvolvimento sustentável a partir do turismo.

#### 4 SOBRE AS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO NO CAMPO SOCIAL DO TURISMO DE ALAGOAS

O campo social do turismo alagoano se desenha quando verificamos como se articulam e se desenvolvem as práticas locais a partir dos interesses compartilhados entre as grandes operadoras nacionais, as agências e os receptivos locais, para uma compreensão sobre o tipo de articulações dos roteiros turísticos alagoanos, com a atual dominância da trajetória do turismo de Sol e Mar. Observemos como se desenvolve esse campo:

1. Numa primeira etapa, o olhar dos empresários locais e suas escolhas, suas articulações com a rede de capital local a partir dos contatos com donos de hotéis, pousadas, restaurantes, etc., estrategicamente situados em áreas privilegiadas do litoral;

2. *Pari passu* à primeira etapa montam-se, juntamente com as grandes operadoras nacionais e com os órgãos representativos do trade turístico local, as imagens dos roteiros através das simulações das imagens (com o hiper-real das fotografias e os simulacros dos clips) dos roteiros de Sol e Mar;

3. Numa terceira etapa, estrutura-se o transporte, com as companhias aéreas e as empresas de transporte rodoviário, traçando roteiros já previamente determinados a partir das escolhas anteriores;

4. Numa quarta etapa, as hospedagens e as refeições, também são previamente determinados a partir das escolhas dos roteiros e dos interesses já anteriormente articulados e compartilhados<sup>19</sup>.

5. Finalmente, fecha-se o ciclo com o receptivo local, neles incluídos algumas localidades básicas de visitação: Piscinas Naturais, Maragogi, Praia do Francês, Barra de São Miguel, Praia do Gunga, Delta do São Francisco, etc., assim construídos com base no receituário de Sol e Mar, consolidando-se, assim, o processo iniciado na primeira etapa.

A consequência deste processo tem sido um aprofundamento das desigualdades sociais<sup>20</sup> através da má distribuição de renda, na medida em que o turismo de massa, reforça a concentração do capital nas posses de uma minoria. Na prática, diante da ausência de outras práticas turísticas alternativas ao modelo dominante, como o turismo de massa, os lucros e dividendos dos empreendimentos turísticos vão ser repartidos e concentrados entre os proprietários da rede hoteleira, das agências de viagens e do complexo circuito que se desenvolve ao redor do trade turístico local: os donos dos grandes restaurantes, dos hotéis, das empresas de receptivo, etc.

Na prática, o que se consolida em consequência destes roteiros é uma sistemática invisibilidade, tanto no que se refere às multiplicidades de cenários das geografias culturais alagoanas, bem como ainda, de uma esmagadora invisibilidade da rica culinária local e das

---

nas áreas lagunares são registros fundamentais em nossas trajetórias. E é enquanto uma referência às lagoas, o batismo totêmico: Alagoas. Desse modo o desenvolvimento de práticas turísticas naquelas regiões seria fundamental na sedimentação de um *imaginário alagoano a partir das margens*.

<sup>19</sup> Nas entrelinhas é aí que se articula um detalhe do capital. Geralmente os guias de turismo levam para roteiros turísticos viciados no Mar e Sol, e nestes locais eles são remunerados pelos donos de bares e restaurantes por cada viagem, turista, ou qualquer acerto feito entre dono do empreendimento e guia. Entende-se que neste contexto, não existe nenhum interesse dos guias em criar roteiros alternativos para as regiões das lagoas, tampouco para as cidades históricas distantes do litoral e do ganho permanente de sua comissão.

<sup>20</sup> A desigualdade, neste caso, diz respeito às reais possibilidades de desenvolvimento perfeitamente viáveis nas áreas de rios e regiões de lagoas.



dezenas de manifestações da cultura popular de Alagoas, que se proliferam e permanecem nas diferentes geografias culturais do Estado<sup>21</sup>.

Aprofundando a questão que se refere à construção de um modelo de turistificação, alternativo ao atual modelo de turismo de massa, deparamo-nos com a clássica problemática dos paradigmas<sup>22</sup>. Afinal, é esta a pergunta que se impõe: se um modelo esta dando certo, quais razões existiriam para se procurar outro? É esta a questão que se articula a partir do segmento das elites alagoanas envolvidas com o somatório dos interesses do turismo local. Afinal, se nas altas temporadas<sup>23</sup> a rede hoteleira está com a sua capacidade lotada, quais razões haveria para mudanças? Por que haveria de existir uma alternativa governamental ao modelo existente? Por aí se explica como se encaminha o fortalecimento da rede de conveniências e de seu agenciamento: o trade turístico indica seus representantes no setor público vinculado ao Turismo do Estado, o qual por sua vez escolhe os seus quadros técnicos viciados na eficácia do mesmo paradigma, o que na prática, implica no fortalecimento do atual modelo, perpetrando assim a permanência do atual do círculo vicioso de Sol e Mar.

Reflexo desta conjuntura têm sido os tipos de visibilidade e de dizibilidade que vêm sendo construídos sobre Alagoas pelas agências governamentais. Assim, em síntese, podemos elencar as consequências da consolidação do atual modelo dominante: 1. alheamento no que se refere à identificação de nossos patrimônios naturais; 2. exceto as imagens de sol e mar, e do Rio São Francisco, exclusão ou delegação a segundo plano de outras geografias culturais: rios, olhos d'água, lagoas, canais, etc.; 3. alheamento e desvalorização dos patrimônios históricos e culturais alagoanos; 4. ausência de políticas culturais efetivas, direcionadas para o nosso acervo cultural; 5. no que se refere à capital Maceió, uma grande carência de referência aos seus patrimônios e à sua vida cultural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma dinâmica social global marcada pela cultura de consumo, os lugares turísticos têm se tornado mercadorias simbólicas. Em se tratando da situação local/regional de Alagoas, não obstante a existência de uma imensa gama de variedades de atrativos turísticos de ordem tanto natural, quanto cultural o atual modelo de turistificação no Estado se encontra ancorado em roteiros que, em sua dominância, têm se consolidado sob os enunciados de Sol e Mar, tendência natural do turismo de massa que ocorre nas regiões intertropicais do mundo inteiro, em caso mais específico, no Nordeste Brasileiro.

Nesse sentido, encerramos nossa breve reflexão colocando a hipótese das possibilidades da emergência e articulação de outras segmentações de turísticas – turismo cultural, turismo religioso, turismo ecológico, etc. – através da implantação de roteiros estruturados a partir de uma perspectiva de planejamento e sustentabilidade<sup>24</sup> do turismo

<sup>21</sup> Para termos uma idéia sobre as possibilidades da implantação de roteiros turísticos atentos para as possibilidades de uma multiculturalidade latente em Alagoas, somente no que se refere ao vale do Mundaú-Paraíba e suas dezesseis cidades e no entorno do complexo mundaú-manguaba, nossos levantamentos indicam a existência de algo em torno de mais de oitocentos terreiros de cultos religiosos de matriz africana (CAVALCANTI; ROGÉRIO, 2008). É por aí que se entende presença, nestes espaços, de uma rica variedade de manifestações das culturas populares alagoanas, todas, em sua maioria de matriz afro-alagoana.

<sup>22</sup> Estamos nos referindo para a problemática da questão dos paradigmas levantada por Thomas S. Kuhn (1987) sobre as possibilidades e as necessidades nas mudanças dos paradigmas enquanto explicadores das realidades científicas.

<sup>23</sup> As altas temporadas. Estamos aqui nos referindo aos meses de Julho, Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

<sup>24</sup> Nesse sentido, Sachs (1993) preceitua que o desenvolvimento sustentável enfoca um desenvolvimento socioeconômico orientado para a satisfação de necessidades básicas; como o reconhecimento do papel fundamental que a autonomia cultural desempenha.

alagoano. Encerramos defendendo o princípio de que um turismo sustentável deve ser desenvolvido perante uma racionalidade estruturada a partir de uma rede de atividades programadas para a produção do ócio, do exotismo e do deslocamento

Na prática, além de uma diferencialidade no que se refere à dominância de um turismo de Sol e Mar, ele, o turismo alternativo e sustentável poderia nos trazer justamente o que Benjamin (1985) identifica como experiência, no entendimento de ser justamente ela, a experiência, justamente o não dito, o contato do turista com o novo e com exótico, o que, na prática constitui o núcleo da busca dos sujeitos para os quais são encenadas e ritualizadas<sup>25</sup> a trajetória dos roteiros turísticos que se afastam dos modelos massificados.

Com esta compreensão, se existem potencialidades, nesse Estado, do que Canclini (1998, p.159) vai identificar como tradições compartilhadas, estas tradições, exóticas para os estrangeiros, no que se refere às comunidades nativas, são práticas vivenciadas por suas comunidades através das reminiscências de suas memórias coletivas (Halbwachs, 1990) e encenadas performaticamente em seus rituais. Neste entendimento, estes rituais são encenações das experiências vivenciadas através do paladar e do cheiro compartilhado através da culinária oferecida pelas comunidades locais<sup>26</sup> práticas encenadas em um cenário alternado por dentre geografias primitivas e uma arquitetura situada, por dentre as ruínas e as alegorias (Benjamin, 1984) dos monumentos históricos e dos casebres dos moradores pobres. Na prática, alegorias<sup>27</sup> por dentre os somatórios das experiências, no sentido de estar na experiência, as possibilidades do que Heidegger (1988) vai identificar como desentranhamento.

Reside, então, no fomento de alternativas ao modelo atual, a construção de um somatório de atividades turísticas voltadas, tanto para o desenvolvimento local, bem como ainda, para o somatório de encantos a que pode nos remeter o Estado de Alagoas. Atualmente se desenvolve, atrelada ao plano nacional de turismo, uma proposta de plano estadual de turismo que se constrói, teoricamente, em uma proposta de elaboração de gestão participativa e sustentável para o longo prazo (2013-2023). Esperamos que, a partir dessa iniciativa do Estado, possam ser vislumbradas reais soluções para as urgentes questões que assolam o campo social do turismo de Alagoas, reflexão essa que merece ser feita, mas que extrapola os limites desse ensaio, podendo ser levada adiante em momento posterior.

<sup>25</sup> Encenadas e ritualizadas, uma vez que, assim como num ritual e seus gestos repetitivos, os roteiros turísticos seguem sempre a mesma padronização que sempre se repetem ano a ano.

<sup>26</sup> Que se pense, a título de exemplo, a forma de se degustar um caranguejo. Na prática, o seu consumo por um estrangeiro na comunidade local, somente se torna possível através da ajuda e do compartilhamento de algum nativo no ensinamento a ele, estrangeiro, de como para degustá-lo, é necessário, antes de qualquer coisa, quebrá-lo e esmiuçá-lo através da disjunção de suas partes. Na prática, o miúdo do exemplo é esclarecedor de um compartilhar de experiências.

<sup>27</sup> No fundo, as alegorias – os fragmentos dos monumentos históricos, as culturas populares, a fala nativa dos cordéis, etc. - são representações de ausências e de símbolos, os quais, na medida em que são apagados/transfigurados pela modernidade, aos poucos vêm sendo transformados em representações alegóricas, uma vez que segundo Benjamin: “Para que um objeto se transforme em significação alegórica, ele tem de ser privado de sua vida. (...). Esvaziado de todo brilho próprio, incapaz de irradiar qualquer sentido, ele está pronto para significar enquanto alegoria” (Idem, p. 40).

**REFERS TO MODERNITY, TOURISM AND SOCIAL FIELD IN THE STATE OF ALAGOAS - BRAZIL.**

**Abstract:**

*This article refers to modernity, tourism and social field in the State of Alagoas - Brazil. Using the benchmark of authors such as Giddens (2001), Jameson (2002) and Harvey (1992) we studied some characteristics of the transitions of modernity to the current stage of capitalism, a period which some authors regard as "post-modernity". The study includes a brief critical analysis of the current model of tourism activities in the Alagoas state, based on Pierre Bourdieu's concepts of Habitus and Social Field. We conclude that tourism in Alagoas is anchored on tourist routes, most of which have been consolidated under the statement of "sun and sea tourism", a mass tourism tendency that has developed in the intertropical regions of the world, and most specifically in the Brazilian North-eastern region, a type of tourism that receives direct influence of the neglect of a historical socio-cultural formation as to the potential identity of heritage sites.*

**Keywords:** Modernity. Tourism. Social Field. Alagoas-Brazil.

**REFERÊNCIAS**

AUGÉ, Marc. Não Lugares. **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campina, São Paulo: Ed. Papiros, 1994.

BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETO, Margarita (Org.). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas-SP: Papiros, 2001.

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária – diversidade de olhares e experiência brasileira**. Letra e Imagem, s.d.

BEZERRA, Edson José de Gouveia. **Configurações em torno de uma Identidade Ornamental: A Emergente Identidade Cultural Alagoana**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, mimeo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **A origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet, São Paulo: Ed Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL. 1989.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 1992.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. 2000. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Cultura de Massas no Século XX**. 1998.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezzo Cintrão, São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos**. Tradução de Maurício Santana Dias, Rio de Janeiro; Ed. UFRJ, 2005.

CAVALCANTI, Bruno Cesar; ROGÉRIO, Janecleia Pereira. Mapeando o Xangô – notas sobre mobilidade espacial e dinâmica simbólica nos terreiros afro-brasileiros em Maceió. In: CAVALCANTI, Bruno Cesar; FERNANDES, Clara Suassuna; BARROS, Rachel Rocha de <sup>a</sup> (Org.). **Kulé-Kulé - Religiões Afro-brasileiras**. Maceió: Edufal, 2008.

DIEGUES JR., Manuel. **O Bangüê das Alagoas**. Maceió: Edufal, 2002.

FOUCAULT, Michael. **As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências Humanas**. Tradução de Selma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Ed. Vértice, 1990.

HALL, Collin Michael. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Loyola, São Paulo: 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

HOBBSBAWN, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução: Celine Cardin Cavalcante, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KNAFOU, Rémi. Turismo e Território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balestreri. (Org). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 62-74.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 2. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

MARTINS, Ângelo Cavalcanti. O produto turístico Alagoas em seu desenvolvimento socioeconômico. **Economia Política do Desenvolvimento** – Revista de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - UFAL. Maceió, v.1, n.6, p. 83-109, set./dez. 2009. Edufal.

RODRIGUES, Adyr Balestreri. (Org). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SACHS, Igaci. Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio-ambiente. São Paulo: Nobel/Fundap, 1993.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio nobel. 2001.

VERAS FILHO, Luiz. **História do Turismo de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1991.

VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa de. Turistificação do Espaço e Exclusão Social: a revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió-AL, Brasil. **Turismo em Análise**, v. 16, n. 1, p. 47-67, 2005.

Artigo recebido em 16/06/2012. Aceito para publicação em 22/12/2012.